

anpap®

*associação nacional
de pesquisadores
em artes plásticas*

17º. ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP

**Memórias do Brasil mineiro: Imagens da cidade de
Araxá no século XVIII**

Gisele Lourençato Faleiros da Rocha

Florianópolis / SC
2008

Memórias do Brasil mineiro: Imagens da cidade de Araxá no século XVIII

Gisele Lourençato Faleiros da Rocha
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFRJ)

Linha de Pesquisa Imagem e Cultura

Resumo

Este trabalho objetiva o estudo das pinturas de Calmon Barreto (1909-1994), nas quais o artista pintou a singularidade histórica da cidade de Araxá/MG. Em suas obras identifica-se a presença de temas da iconografia mineira que retratam a chegada dos primeiros habitantes da região. Paisagens com campos, pastagens e matas são cenários dos personagens que transformaram a vida cotidiana local e inseriram um novo modelo cultural, econômico e social na região. Entre estes personagens destacamos: os tropeiros, os bandeirantes, os negros e os índios. Eles descrevem identidades e caracterizam arquétipos da cultura brasileira.
Palavras-chave: pintura, história, cultura.

Abstract

This work aims the study of Calmon Barreto's (1909-1994) paintings, in which the artist painted the historic singularity of Araxá city at Minas Gerais State. In his works it was possible to identify the presence of iconography themes of Minas Gerais State that portray the arrival of the first inhabitants. Landscapes with fields, pastures and natural forest are the characters scenery that changed the quotidian local life and inserted a new cultural, economic and social pathern in the region. Among these characters: the "tropeiros", the "bandeirantes", the slaves and the Indians are outstanded. They describe identities and characterize archetypes of the brazilian culture.
Key words: painting, history, culture.

Memórias do Brasil mineiro: Imagens da cidade de Araxá no século XVIII

A trajetória do pintor e o reencontro de sua terra natal

O pintor mineiro Calmon Barreto de Sá Carvalho (1909-1994) no final da década de 60 retorna a sua terra natal, cidade de Araxá/MG, após uma extensa

carreira artística e acadêmica na Escola Nacional de Belas Artes¹ e cidade do Rio de Janeiro. Grande ilustrador, desenhista, escultor e gravador iniciou nestes anos uma nova linguagem artística: a pintura. Este foi o caminho para expressar sua paixão pela arte, a forte ligação com a cidade onde nasceu e o desejo de retratar o sertão mineiro.

Em meio a tantas transformações e movimentos artísticos recusou-se a aceitar as linguagens modernistas que considerava um verdadeiro abuso do subjetivismo². Por isso as intenções temáticas de suas pinturas estão mais próximas das dos pintores José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899), conforme NAVES³, e Cândido Torquato Portinari (1903-1963) com cenas rememoráveis da terra natal. Ambos regionalistas representam costumes, vida interiorana, arquétipos de nossa cultura, cenas históricas, sociais e do cotidiano que afirmam a identidade brasileira, também idealizada na pintura de Calmon Barreto.

Apoiado no contexto regional e mineiro de um Brasil rural, Calmon Barreto revela como seus conterrâneos se instalaram em Araxá e influenciaram na formação cultural, histórico e social do local. Suas pinturas destacam a singularidade da obra de arte como um elemento ligado à cultura capaz de caracterizar nossas origens.

O contexto

O recorte histórico e temporal representado na visualidade de suas pinturas situa-se entre meados dos séculos XVII e XVIII com a chegada dos Bandeirantes, dos Tropeiros, desbravamento do sertão e a atividade mineradora. O cenário representado caracteriza a região mineira: paisagens com campos, pastagens e matas naturais que posteriormente ofereceram condições de ocupação e povoamento. Estas cenas estão presentes com destaque nas obras: “Capitão Inácio Correia Pampolha”, “Bandeirante”, “Passagem de Anhanguera”, “Garimpagem”, “Bartolomeu Bueno e Comitiva” e “Chegada dos Tropeiros” conforme demonstrado em duas pinturas deste conjunto:



Barreto, Calmon. **Bartolomeu Bueno e Comitiva**.1970. Pintura.



Barreto, Calmon. **.Chegada dos tropeiros**. 1970. Pintura.

Entre os anos de 1870 e 1880 os primeiros povoadores vindos do desemboque, em consequência da decadência da mineração, iniciaram a



ocupação do local e fundaram cidades, entre elas Araxá. Nesse momento a criação de gado emergiu como nova atividade econômica e entre os temas do pintor podemos encontrar o retrato do homem do campo, em seu ambiente rural, nas obras: “Paisagem de boiadeiro”, “Curral”, “Condutor de cavalos”, “Doma cavalos”, “Carro de bois no marmelo”, “Bois de engorda”, “Despedida sob pau de binga”, “Chegada do gado indiano ao porto de Santos” e “Carro de bois”, pintura abaixo:

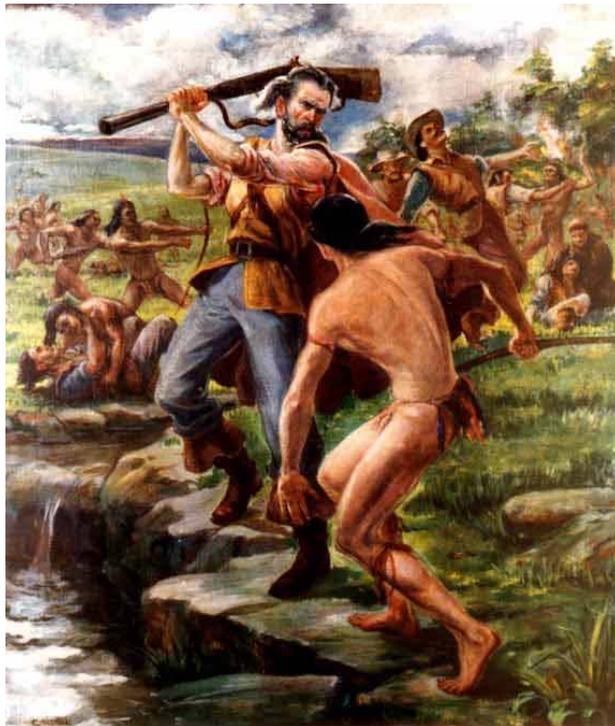
Barreto, Calmon. **Carro de bois**. 1970. Pintura.

Suas pinturas revelam o início do desenvolvimento da pecuária na região o que impulsionou o surgimento das primeiras fazendas, presentes até os dias atuais.

Anteriormente a esta ocupação a região era habitada pelos índios Araxás e pelos negros do Quilombo Ambrósio que tiveram suas comunidades destruídas e exploradas. Tanto os índios como os negros são personagens de suas pinturas nas obras: “Extermínio do Tengo-Tengo”, e “Execução dos Araxás”.



Barreto, Calmon. **Extermínio do Tengo-Tengo**. 1971. Pintura.



Barreto, Calmon. **Execução dos Araxas**. 1971. Pintura.

Suas narrativas pictóricas nos relembram a valentia dos negros, no momento da perda de seus territórios. De acordo com VIEIRA (1967)⁴ a opressão cultural era realizada pela ação dos capitães-mores e pelos capitães do mato ao exercer violentamente: a ação de captar negros, ao coibir a expansão dos quilombos, ao explorar o trabalho dos índios e na tentativa de

manter a ordem pública resgatando negros fugitivos que cometiam assaltos em fazendas e organizavam fugas.

Entretanto mesmo com a destruição dos grupos indígenas e quilombolas suas culturas exerceram grandes influências na formação histórica e cultural da cidade de Araxá, bem como nos diversos lugares do Brasil e América Latina onde suas culturas se fazem presentes. Seus elementos simbólicos e culturais estão presentes na vida cotidiana brasileira: no vocabulário, nos utensílios domésticos, nos costumes alimentares, em grupos folclóricos como congado e Moçambique, no artesanato e na arte.

Assim podemos reforçar o caráter multicultural de nossa identidade e a presença de um entrecruzamento de etnias que compõem a nacionalidade brasileira. Conforme cita CANCLINI (1998)⁵ ao utilizar o termo *hibridização* onde processos socioculturais que ocorriam separadamente se misturam, geram novas estruturas e apresentam a constituição cultural heterogênea da América Latina, em sua complexa rede de tradições e modernidades nos dias atuais.

Entre seus personagens bandeirantes, tropeiros, negros, e índios observamos uma etnografia artística e a preocupação do pintor em destacar movimentos, paisagens e cenários, trajés, relações de força, poder e domínio de uma etnia sobre a outra. No próprio título de suas obras encontramos uma espécie de “*definição – descrição*”⁶ que permite uma leitura inicial de sua história pintada e proporciona uma fixação⁷ da ampla rede de significados presentes no espaço pictórico.

Os significados presentes em suas pinturas estão relacionados com o contexto histórico e mineiro no qual se desenvolveram e provocam uma variedade de significantes e interpretações posteriores. Por isso, a grande importância de se pesquisar a trajetória do pintor e o contexto no qual as pinturas foram realizadas pontuando uma relação entre presente e passado⁸.

Conclusões parciais

As pinturas de Calmon Barreto nos permitem investigar uma imagem no sentido antropológico⁹, buscando interpretar a história cultural devido ao seu caráter documental, etnográfico e de identidade que caracterizam o universo simbólico da região de Araxá. Encontramos na cidade uma singularidade histórica e cultural preservada: no Museu Histórico de Araxá Dona Beja¹⁰, no

Museu Sacro da Igreja de São Sebastião, no Centro de Cultura, na Fundação Cultural Calmon Barreto, e no Museu Calmon Barreto¹¹.

O cenário de suas obras com campos, pastagens e matas naturais ainda se faz presente nos dias atuais nas terras e fazendas da região. Sendo Araxá uma cidade turística, devido a presença de estâncias minerais com águas termais, muitos turistas visitam a cidade, seus museus e apreciam a cultura mineira: culinária, artesanato, manifestações folclóricas e arte. Portanto ultrapassam-se os limites de tempo e espaço através de uma difusão cultural transportadas a cada geração, que afirmam e revelam nossa cultura.

Por isso a grande importância das pinturas de Calmon Barreto e do Museu Calmon Barreto, onde visitantes contemplam uma história pintada, identificam personagens da história brasileira e descobrem elementos de nossa identidade. Suas obras traduzem a singularidade do objeto de arte, traduzem o olhar do pintor e revelam qualidades estéticas. Assim, entre tantas cidades brasileiras, a cidade de Araxá possui um artista que pintou sua origem histórica e deixou em suas obras relatos que difundem nossas origens e constroem nossa história.

Notas

1. Antiga Escola Nacional de Belas Artes, hoje compõe a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
2. Entrevista dada pelo artista em Suplemento Especial em homenagem aos artistas fabulosos da Família Barreto – Correio de Araxá – 19 de maio de 1973/ ano XVII.
3. Como cita NAVES (2005) ao dizer que “o pintor fez um esforço sincero para produzir uma pintura que se aproximasse mais da realidade brasileira e deixasse de lado o universalismo das fórmulas acadêmicas”.
4. O autor relata o processo de organização das Bandeiras como uma “epopéia”, página da história nacional. Configura a busca do ouro, da prata e da esmeralda como fatores de expansão de terras e conquistas que configuraram o território brasileiro. A combinação dos traços indígenas, negros e portugueses, no ritmo nômade do bandeirante e do povoador levará a práticas de presa e coleta provocando uma estrutura instável e mobilidade dos grupos sociais. Nesse momento ressurgem a figura dos capitães, na tentativa de manter o controle sobre uma sociedade heterogênea, inculta e escravista.
5. O conceito de *hibridização* apresentado por CANCLINI (1998) define não apenas combinações entre grupos étnicos ou religiosos, mas também processos sociais modernos e pós-modernos. Descreve em seu livro processos de *hibridização* ocorridos discretamente através dos “ciclos de *hibridização*” (mestiçagem, sincretismo e criouliização).
6. O termo *definição-descrição* utilizado por MARIN (1973) refere-se ao tema do quadro, dado por seu título, como uma definição nominal e descritiva por suas próprias características.
7. De acordo com BARTHES (1990) a imagem é polissêmica e o título, o que denomina “mensagem lingüística”, permite uma fixação dos sentidos evitando que o espectador se perca na “cadeia flutuante” de significados existentes na imagem.
8. Em HALL (2000) podemos apontar essa ligação onde “as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência”. Elas viabilizam uma comunicação histórica, temporal e espacial contextualizadas num processo de

construção de identidades, para o entendimento não daquilo que somos, mas “daquilo no qual nos tornamos”.

9. Utilizamos o conceito de NOVAES (1996) quanto as possibilidades de se investigar uma imagem: “*Imagens tais como textos são artefatos culturais... podem permitir a reconstituição da história cultural de grupos sociais*” podem então ampliar o entendimento sobre o “*universo simbólico*” através do que denomina “*sistemas de atitudes*” que caracterizam os grupos estudados.

10. Fundado em 1965 por Assis Chateaubriand tem como objetivo promover incentivar, difundir, preservar a informação cultural e artística de Araxá, intensificando uma integração cultural com a comunidade. Localizado na parte antiga da cidade e edificado no início do século XIX mantém as características arquitetônicas do período colonial mineiro.

11. Criado em 1996 para receber a obra do artista **Calmon Barreto**. É considerado o maior museu brasileiro com acervo de um único artista.

Referências

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1971.

BARRETO, Calmon. **Araticum: histórias de Calmon Barreto**. Araxá: Fundação Djalma Guimarães, 1989.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas - estratégias para Entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 1998, p.XIX – 30.

GEERTZ, Clifford. “*A Arte como Sistema Cultural*”. In: **O saber local**. Rio de Janeiro: LTC, 1997.

_____. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HALL, Stuart. “*Quem precisa da identidade?*” In: **identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARIN, Louis. “*A Descrição da Imagem: a propósito de uma Paisagem de Pousin*”. In: **A Análise das Imagens**. Petrópolis: Vozes, 1973. p.82-121.

NAVES, Rodrigo. “*O sol no meio do caminho*”. *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 73, nov. 2005, p. 135-148

VIEIRA, Hermes. **Bandeiras e escravagismo no Brasil**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.

CORREIO DE ARAXÁ. **Suplemento Especial em homenagem aos artistas da família Barreto** – 19 de maio de 1973/ ANO XVII número 833.